

PERIODICO LITTERARIO E RECREATIVO

REDACTORES DIVERSOS

SANTA CATHARINA—Desterro, 9 de Outubro de 1887.

## Assignaturas

Por mez . . . . . 200 rs.

PUBLICAÇÃO SEMANAL

JUPITER

Desterro, 9 de Outubro de 1887.

## A boa educação

A educação da mocidade foi sempre considerada pelos grandes philosophos e pelos mais famosos legisladores como a mais segura fonte do repouso e da felicidade, não só da familia, como tambem dos estados e des imperios.

Éo que é uma republica, ou um reino, senão um vasto corpo, cujo vigor e saúde dependem da saúde e vigor das familias particulares, que são os seus membros e partes, e do qual nenhum póde faltar ás suas funções, sem que o todo se resinta?

E, não é a *Boa Educação*, que põe os cidadãos, e mais que todos—os grandes e os principaes—em estado de desempenharem dignamente as suas diferentes funções?

Não é evidente que a mocidade é como que o viveiro do estado, que por ella se renova e se perpetua?

Não é evidente que deste viveiro

vem todos os paes do familia, todos os magistrados, todos os ministros, em uma palavra, todas as pessoas constituídas em poder e dignidade?

Não se póde assegurar que o que ha de bom ou de defectuoso na *educação* d'aquelles que têm de exercer alguma vez os empregos do estado, inflúe em todo o corpo do mesmo estado, e torna-se como que o espirito e o caracter geral de toda a nação?

As leis, na verdade, são o fundamento dos imperios, conservando-lhes a regra e a *boa ordem*, mantendo-lhe a *paz* e a *tranquillidade*.

Mas d'onde tiram as leis sua força e seu vigor, senão da *Boa Educação*, que lhes acostuma e submete os espiritos?

Sem *Educação* as leis são um fraco muro contra as paixões dos homens.

« De que servem as leis vãs sem os bons costumes ?

Plutarcho faz a este proposito uma reflexão mui sensata, e que merece ser ponderada com attenção; fallando sobre Lycurgo diz:—« este sabio legislador não julga acertado assentar suas leis por escripto, porque suavel de que o que ha de mais forte, e de mais efficaz para fazer as cidades felizes, e os povos virtuosos é o que se cunha nos costumes dos cidadãos, o que a pra-

«tica e o habito lhes têm feito fa-  
«miliar e natural; porque os prin-  
«cipios que a Educação tem gra-  
«vado em seus espiritos, tornam-se  
«firmes e inabalaveis, como sendo  
«fundados na convicção interior e  
«na mesma vontade, que é um vin-  
«culo sempre mais forte, e mais  
«duravel do que o da coacção; de  
«tal modo que a Educação vem a  
«ser a regra dos moços, e lhes faz  
«as vezes de legislador.»

A Educação é pois o mais seguro  
meio de tomar um estado seguro e  
florescente, e de elicitar pela vir-  
tude e o bem todos os cidadãos.

J. C. B.

## NOTICIARIO

O distincto e generoso grupo  
dramatico *12 de Agosto* dará no  
proximo domingo um spectaculo  
em beneficio de uma viuva e al-  
guns orphãos extremamente po-  
bres moradores na Rua do Meni-  
no Deus.

Avante, moços generosos por-  
que é muito santa a missão da ca-  
ridade!

Arribou ao nosso porto da al-  
tura do cabo de Santa Martha, o  
vapor *Rio Paraná*, pertencente á  
Companhia Nacional de Navega-  
ção a Vapor.

Recebemos:

O *Echo Lagunense*, importante  
periodico, que se publica na cida-  
de da Laguna, a *Matraca*, periodi-  
co illustrado e o *Crepusculo*, or-  
gam litterario, ambos nesta capi-  
tal.

Agradecemos e continuaremos  
a permutar.

Por motivos alheios á vontade  
da direcção, deixou de ser publi-  
cado no Domingo passado o  
*Vigilante*.

## FOLHETIM

### O EMIGRADO PATRIOTA

POR GUSTAVE HEQUET

Nada lhe faltava: todos os seus desejos crão  
cumpridos, todas as suas fantasias satisfei-  
tas logo que as patenteava, seu hospede porem  
obstinava-se a permanecer invisivel, e o for-  
necedor estava na mesma posição que o pai-  
de Zemira, tratado por Azor, com a differença  
que os genios doces do palacio encantado crão  
aqui representados por uma criada allemã,  
intelligente e activa, mais feia, velha e alem  
dissomulda, ou ao menos, sabendo bem o fran-  
cez para receber suas ordens, não parecia ca-

pez de responder-lhe senão pela pela execu-  
ção.

Não ha francez para quem não seja prazer  
fallar e representar, mas para o cidadão Du-  
bois isso era uma necessidade. Tanta indiffe-  
rença a respeito de um homem como elle, sôr-  
prehendeu-o a principio, e logo depois aviventou  
sua curiosidade; enjouou-se da solidão em  
que o deixavão. Finalmente, depois de quatro  
dias de esforços inuteis e de perguntas sem  
numero dirigidas á dama Lisbeth, da qual  
não pôde arrancar outra resposta além de: *Ya  
mein herr*, protestou saber a razão de tão es-  
tranha resistencia, por estratagemas e podese  
por força se fosse preciso, ainda quando  
devesse formar hum cerco em regra ou dar um  
assalte.

Continua

## Pedro e seu amo

Pedro (batendo na porta.) Faça o favor de abrir esta porta.

—Como vens hoje tão cansado?

—Meu amo, não sabe que andei toda a cidade, em procura de um medico?

Para quem, Pedro?

—Não sabe que o *Vigilante* teve um ataque de dispepsia, e como na occasião eu passava, ouvi toda a gente a chorar e já a mandarem comprar vellas; eu offereci-me para alguma cousa.

Depois de muito cansado, sem achar quem o soccorresse fui a botica e comprei um vidro de Xarope da Mãe Seigel, e com isto o pobre tem melhorado, mas desconfio que elle está atacado de phytica cobratina.

—Dêste agora também em medico?

—Como não? Hoje não ha quem não entenda um pouco.

—Deixemos isto e vamos ao que ha de novo.

—Muito bem, mas deixe-me descansar um pouco.

—Não sabes, Pedro, o sarilho que houve em uma rua, da nossa cidade entre duas moças?

—Nesta occasião eu passava ahi vi e ouvi tudo.

—Então conta-me.

—Eu bem descansado quando ouvi uma estralçada de galhos seccos paro e vejo que uma moça corria indaguei e contarão-me, que o *nhonhô* joca tinha duas namoradas e andava enganando a ambas e ellas encontraram-se e fecharam o *teu po*.

Quanto a mim nenhuma dellas tinha culpa e somente elle é que é o responsavel.

—Mas como se chamam estas moças?

—Isto meu amo, é o que eu não digo porque dou-me com ambas e respeito muito a que não correu.

—Neste caso ficamos na mesma.

—Meu amo, *pôde-se contar o milagre sem nomear o santo*.

—Como vamos de bailes?

—Isto continua bem, quando não se dança briga-se.

—E namoros?

—O caxeirinho chamado Rodolpho Formiga deu o *cavaco* com a nossa conversa; encontrou-se comigo e disse-me: Pedro, não te divirtas comigo e vê que a minha namorada não é vesga. E eu respondi-lhe não seja tolo.

Sabe, meu amo que o caxeirinho da Praia de Fora deu o *cavaco* com certa mudança quiz metter-me na *enrascada* e eu pulci fóra?

—Não.

—Sabe alguma cousa a respeito do Jury?

Não nada me contaste ainda.

—Pois saiba que o *nhonhô* Athanasio foi absolvido e devia ser porque elle pagou pelo outro.

—Elle não é mau as vezes das más *compathias* é que resulta estes factos, por isso, bem faço eu que sempre ando sózinho.

—E fazes bem, moleque.

—Muita gente, meu amo, chama-me soberbo, presumpçoso mas que resumpção posso eu ter?

—Deixa-os e sejas assim que vais bem.

Na Europa nada tem havido de novo; conta-me apenas que as *«gollas»* por lá andão a tóa e sobre isto com vagar conversaremos.

—Meu amo vou lhe fazer mais um pedido.

Todo o moço que tiver namorada e for namorar outra, irá para o curral do conselho.

Todo o filho de família que abandonar a e entregar-se á devassidão será deportado para a Ilha das Vinhas

—Bonito !...

E com esta... boa noite.

## ESCRINIO

### NUPCIAS

Senhora da loura trança  
E do olhar indefinido !  
Bem fundo vibraste a lança:  
Eis-me prostrado e vencido !

Eu era o o fátuo Narciso,  
De si mesmo apaixonado:  
Nunca vira o teu sorriso,  
Nem teu gesto enamorado.

Só tinha uma gloria: a taça  
Dos longos, ruidosos vivas;  
Só tinha um prazer: a caça  
De galathéas esquivas.

Um dia, que me sorriste  
Do marinête das flores,  
Quiz saber o poema triste  
Da loucura dos amores.

Que funesta leviandade !  
Nem lhe sei medir o preço,  
Que vou dar a liberdade  
Por um bem que não conheço !

Tinhas feito o juramento  
De me ver as mãos escravas:

Não me deixaste um momento.  
Nem de seguir-me cançavas.

Assim no esconso fastigio,  
O maltez dissimulado  
Segue o placido remigio  
Do passarinho pintado.

Assim no bosque distante  
O cannibal famulento  
Segue o passo vacillante  
Do caçador violento.

Fiquei vencido na lucta  
Corra-se o véo do passado:  
Quebre-se a taça impolluta  
Do velho antiste algemado.

Senhora da loura trança  
E do olhar indefinido !  
Levas na ponta da lança  
O coração d'um marido !

JOÃO PENHA.

## AVISO

Pedimos aos nossos assinantes que se acham em atrazo o favor de nos remetter o mais breve possivel a importancia de suas assignaturas.

Typographia da Regeneração